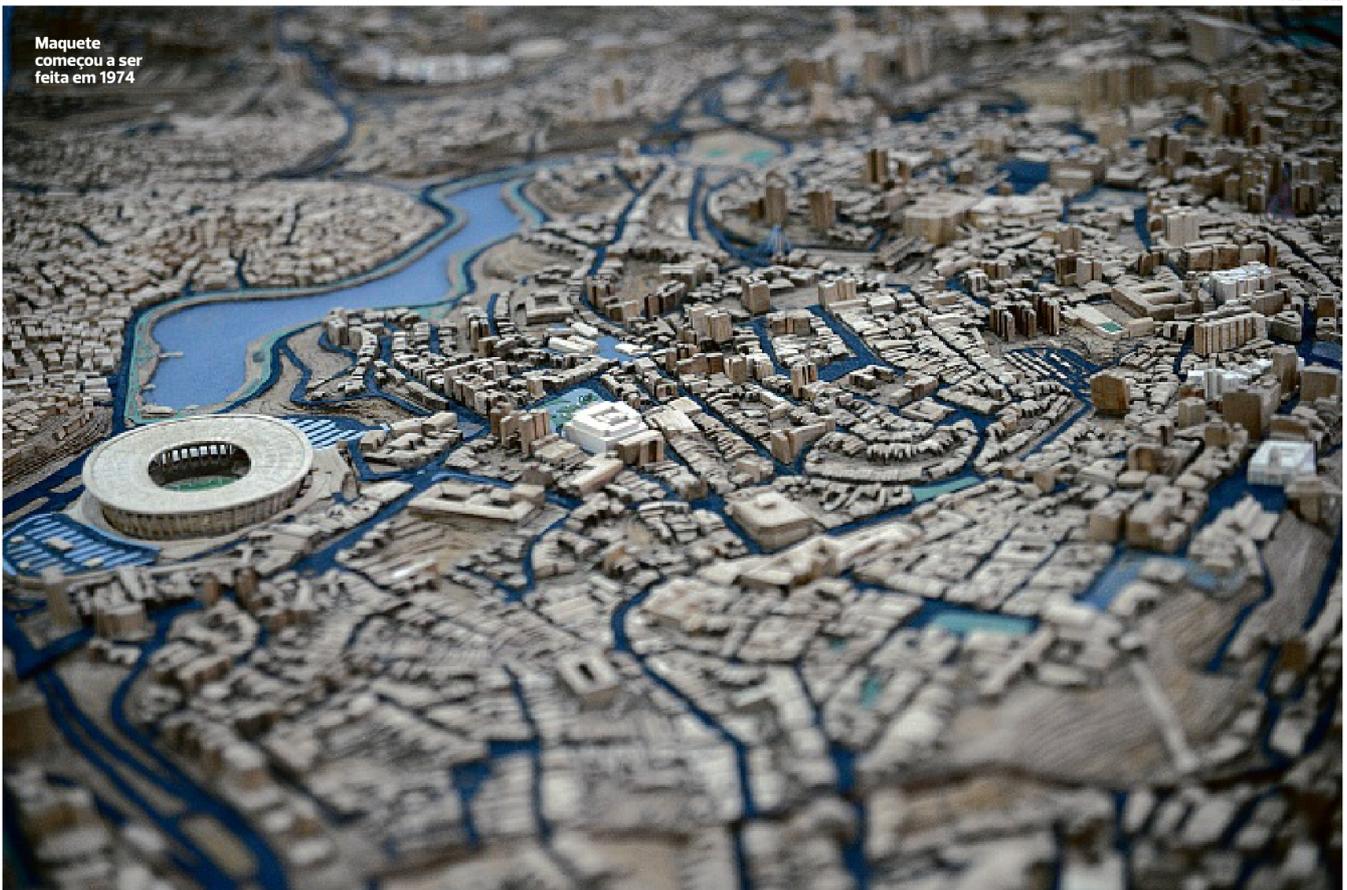


24h*

MAQUETE QUE REPRESENTA ÁREA CONTINENTAL DA CAPITAL BAIANA COMPLETA 1 ANO DE TOMBAMENTO

PAULA FRÖES

Maquete
começou a ser
feita em 1974

SALVADOR EM VERSÃO MINIATURA

Um retrato fiel que descreve de ponta a ponta desde os lugares mais conhecidos de Salvador como o Elevador Lacerda e a Arena Fonte Nova, até os bairros mais recentes da capital. É assim que dá para definir a Maquete Salvador, maior do Brasil e uma das maiores do mundo que, desde 1º de dezembro de 2020, se tornou Patrimônio Histórico da cidade, tombada pela prefeitura.

Reconhecimento que não tem relação só com o tamanho da estrutura – o formato atual tem 100,5m² e está sob guarda, manutenção e atualização da Fundação Mário Leal Ferreira (FMLF) –, mas também por suas caracteris-

ticas técnicas da representação e miniaturização estrutural de Salvador.

Trabalho que começou na década de 1970 com o arquiteto Francisco Assis Reis e que, com o passar dos anos, ganha o toque de outros profissionais que o atualizam sem deixar que a maquete perca sua grande identidade: a produção artesanal, a partir de materiais como madeira, cortiça e lixa.

Para Tânia Scofield, presidente da FMLF, celebrar um ano de tombamento é válido pela importância histórica da maquete, que ganhou garantia de sobrevivência e atualização a partir da iniciativa. “Ela tem um peso

“É preciso área de, no mínimo, 300m² para que ela possa ficar em exposição para todo mundo e não encontramos ainda o local. Porém, esse é um objetivo nosso para que cada turista e cidadão possa estudar a cidade Tânia Scofield

Presidente da Fundação Mário Leal Ferreira, sobre a intenção de expor a maquete

histórico e cultural porque, apesar de começar em 1974, segue em constante atualização. É uma miniatura de toda porção continental da cidade, feita de maneira artesanal e capaz de representar cada parte de Salvador”.

Ainda segundo a presidente da fundação, o patrimônio é fundamental por servir de referência para o planejamento urbano da gestão municipal. “É um documento de planejamento, porque temos a cidade em três dimensões e podemos senti-la para entender melhor como ela se estrutura e se expande também”.

A escala citada por Tânia é a de 1/2000, uma dimensão reduzida duas mil vezes do tamanho real das estruturas. Essa dimensionalidade é comum neste tipo de maquete, como explica Fernando Teixeira, responsável pelo acervo e diretor de planejamento e informação da FMLF.

“Essa é, geralmente, a escala usada em projetos de urbanismo para que você tenha a possibilidade de trabalhar com áreas mais extensas e de representação dos bairros. É uma maquete tanto vertical como horizontal, fazendo com que ela seja proporcional, sem exageros”, ressalta.

Teixeira destaca ainda a possibilidade de ver Salvador inteira na maquete e, ao mesmo tempo, lugares mais específicos. “Dá para identificar a região da sua casa, se você souber onde é. A maquete dá uma experiência parecida com a do Google Street View, então é possível ver edificações específicas. Cobre de São Tomé de Paripue até o Farol da Barra e o farol da Base Aérea de Itapuã. Ou seja, quem chega perto pode ver tudo”, acrescenta.

Justamente por conta dessa possibilidade, a FMLF tem a intenção de levar a maquete para uma área de visitação onde soteropolitanos e turistas admirem cada detalhe do patrimônio. No entanto, a direção ainda não encontrou um local adequado para isso.

A maquete é constituída por 97 módulos nas dimensões de 1m x 1m e por mais sete módulos nas dimensões de 1m x 0,5m, compondo mosaico de 104 módulos na dimensão de 13 x 13,5 metros. Na escala real, a representação do modelo abrange um território de 402 km², dos quais 279 km² correspondem à representação dos bairros de Salvador.

WENDEL DE NOVAIS*, COM A ORIENTAÇÃO DA SUBCHEFE DE REPORTAGEM MONIQUE LÓBO